

A INVENÇÃO DE SI: POR UMA ECOLOGIA MENOR²⁴

CASTOR, Katia Gonçalves
kátia-pessoa@hotmail.com
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O trabalho busca elos na produção de subjetividades, a partir da Educação Ambiental pela Ecologia Menor. A Educação Ambiental é campo propício para a junção dos saberes e fazeres que parcializa o conhecimento e a complexa realidade socioambiental. A Ecologia Menor trabalha na perspectiva da potência de ação que sobressaia a sociedade e seus interesses coletivos em detrimento dos particulares. Interessa capturar pistas capazes de potencializar modos de ser, conhecer e viver invisibilizados, mas que encontrem canais de afirmação da vida, a partir da Ecologia Menor para a Invenção de Si.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Ecologia Menor, Subjetividade.

APRESENTAÇÃO

O interesse por esta pesquisa surgiu por meio da imersão no bairro da Glória – Vila Velha – ES, através do projeto desenvolvido pelos alunos do curso Técnico em Edificações do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) para a requalificação de moradias e seu entorno do referido bairro. Essa interação revelou-se bastante potente no sentido de realizar a pesquisa objeto do meu doutoramento, uma vez que pude experienciar e dialogar com os princípios que fundamentam a Educação Ambiental (EA), segundo a perspectiva da teoria da complexidade de Edgar Morin.

Esse teórico considera crível que todo conhecimento se produza atravessado pelas contingências complexas em que a realidade é sentida, vivida e produzida pelas pessoas que a experimentam e nos mostra o caráter inacabado de todo conhecimento (MORIN, 2005).

A concepção da contradição e o princípio do antagonismo do conhecimento dialógico comportam uma relação que se manifesta ao mesmo tempo complementar, antagônica e concorrente percebida nos atravessamentos da pesquisa, do pesquisador e do lócus onde atua, pois há tensões de interesses a todo o momento entre os sujeitos praticantes da pesquisa. É a partir dessa configuração de planos de forças que inicio esse trabalho, convidando o leitor, na deriva desse acontecimento, para refletir outros modos de pensar-fazer a EA para a Invenção de Si, ou seja, para novas maneiras de ser, estar e pensar o mundo, seguindo algumas pistas, sobre as quais passo a discorrer, inspiradas nas pesquisas cartográficas que lança mão de

²⁴ Artigo apresentado a partir da Etnografia vivida com alunos e professores de uma escola pública no município de Vila Velha. A etnografia foi sugerida pela minha orientadora a professora Dr^a Martha Tristão.
Pró-Discente: Caderno de Prod. Acad.-Cient. Progr. Pós-Grad. Educ., Vitória-ES, v. 18, n. 2, jul./dez. 2012.

acompanhar o processo pesquisado.

PRIMEIRA PISTA – O RECONHECIMENTO ATENTO

O movimento denominado Reconhecimento Atento insere-se numa abordagem política, quando desconfio que as possibilidades da Invenção de Si pela Ecologia Menor, que se contrapõe à idéia da Ecologia Maior ou instituída, podem vir das margens ou dos *desautorizados*. Com isso, aposto em uma postura política que é inversa a Ecologia Oficial, aquela que nos últimos séculos vêm produzindo a apartação da vida com tudo que envolve essa experiência.

Experimentei pela Etnografia, a imersão naquela região, junto com os alunos o movimento de fazer alianças com a comunidade escolar e com os líderes comunitários do bairro. O projeto pretendia requalificar onze moradias de famílias que vivem *apartadas*, segundo narravam os alunos. Este projeto pretende, além da melhoria das moradias, ampliar os espaços lá existentes. Como objetivo geral, o grupo propôs melhorias tecnológicas, econômicas, sociais e ambientais nas ruas próximas ao Instituto de Reabilitação Social do município, visando alcançar soluções para os problemas enfrentados pelos moradores, contribuindo para que estas pessoas tenham moradias dignas e melhor qualidade de vida.

Dentre os objetivos específicos, o grupo trabalhou com as dimensões econômicas, ambientais, culturais, e sociais, de modo que todas essas dimensões convivessem numa mesma linha de horizonte.

Visando um menor impacto das construções e dos materiais construtivos, o grupo propôs o uso de matérias e tecnologias de menor impacto ambiental, como a energia incorporada, o reuso e captação de água pluvial, a energia fotovoltaica e solar térmica, dispositivos economizadores, técnicas de conforto ambiental e preservação da vegetação existente próximo às moradias, além de uma arquitetura diferenciada baseada em alguns conceitos inventados pelos próprios alunos, como o conceito das *Velas* que simbolizam espaços de livre e coletiva convivência, das *Redes* com seus elos de junção, promovendo encontros entre as pessoas que lá circulam pelas praças e a construção de uma Cooperativa de Pesca para fortalecer a economia local.

Para concepção do projeto o grupo também trabalhou com o conceito da *Escama de Peixe* na construção de um píer e de um terminal aquaviário, como alternativa para locomoção no espaço urbano. Contudo, deparamos com vários empecilhos, tais como: a especulação de um projeto de implantação de uma grande indústria portuária, que irá provocar o desabojamento de

onze moradores e de um estaleiro que funciona na região há mais de quarenta anos. Este estaleiro convive com a exigência de licenças ambientais que dificultam cada vez mais sua permanência. Na região também existem pescadores que convivem em meio a essas tensões, pois todos eles estão sendo ameaçados e forçados a desistirem de suas atividades, em função da instalação daquela indústria e da especulação imobiliária crescente.

Outro espaço ameaçado é o Parque Municipal Morro da Manteigueira, localizado no entorno da região, trazendo um prejuízo sem precedentes para a história, a cultura, ao ambiente, enfim para vida daquelas pessoas e de todas as outras formas de vida, conforme encontramos na reportagem que trata do projeto portuário:

Quanto ao meio biótico, tanto na fauna zooplantônica como fitoplantônica, os estudos constataam que a área já bastante impactada, principalmente por esgotos domésticos. O porto aumentará o impacto sobre a vida marinha e, em caso de acidentes, até causar sua destruição de espécies na área.²⁵

Após esse breve relato, continuo meu percurso pelo pensamento que se faz ação na produção de novas pistas.

SEGUNDA PISTA – POLÍTICA DE NARRATIVA

Toda pesquisa encarna pesquisador e pesquisado indissociavelmente. A política de narrativa que optei não cabe diferenciar ou separar o conhecimento do sujeito que conhece e pesquisa. A aposta está a favor da racionalidade que acolhe a razão sensível (MAFFESOLI, 1998) em detrimento da racionalidade técnica instrumental fria, pois, experimentamos as intensidades no platô de outras racionalidades mais poéticas e inventivas, em lugar de uma razão mecânica, neutra e ácida, que vêm corroendo as relações sociais, ambientais, culturais e históricas.

Assim, fui mapeando os afetos que ampliam e potencializam a Rede da Vida, para a Invenção de Si, atravessada e engajada pelo e no projeto dos alunos. Compartilhei com muitos autores os conceitos de *confetos*²⁶ e *ecopoliticoformação*²⁷, anunciando meu engajamento numa perspectiva de Educação Ambiental complexa, produtora de subjetividades potentes,

²⁵ Reportagem extraída do Jornal Século Diário do site: Revista eletrônica Século diário. Disponível em <http://www.seculodiario.com.br/arquivo/2005/fevereiro/01/noticiario/ultimas/01.asp>. Acesso em: 06 mar 2012.

²⁶ A perspectiva socioambiental conecta conceitos com afetos.

²⁷ Invenção e junção de palavras que coloca em relação teoria e prática, ação e emoção, ambiente e política, aprendizagem e conhecimento.

materializada em conhecimentos que valorem a sustentabilidade cultural, social e ambiental, como dimensões indissociáveis.

Os escritos de Tristão me influenciaram para compreender a segunda pista denominada Política de Narrativa quando sugere que

A pesquisa qualitativa com o uso de narrativas supera a concepção de que os sujeitos praticantes ou fazedores da educação ambiental são instrumentos das decisões das políticas de governo ou de suas instituições, são compreendidas como protagonistas (TRISTÃO, 2012, p.7).

Concordo com Tristão (2005) que a Educação Ambiental se relaciona com os desequilíbrios ecológicos e os desgastes da natureza e da educação. Desequilíbrio esse, efeito das escolhas e das heranças de um modelo de desenvolvimento socioeconômico caracterizado pela redução da vida e da natureza à dimensão econômica e pela fragmentação do conhecimento em disciplinas que não se comunicam, reduzindo o ser humano a um sujeito racional e a uma cultura não plural.

A EA difere da informação ambiental (JACOBI & TRISTÃO & FRANCO, 2009), nesse sentido, a dimensão da complexidade ecoa a EA que persigo. A educação é processo inventivo e intencional que se propaga pela participação e pela significação de múltiplos sentidos praticados na experiência coletiva dos viventes interdependentes.

Acolher a criação de uma rede de diálogos entre os saberes é propício para produção de novos e potentes pensamentos, críveis nas imprevisibilidades e fértil na compreensão das escolhas que os humanos têm realizado, advindas dos modos de uma produção desmedida e inconsequente e um consumo insuportável para todas as formas de vida no planeta.

A dimensão da EA complexa comporta o que Tristão sugere “quanto mais amplo for o domínio da política, mais amplo será o espraiamento do poder e, conseqüentemente, a participação” (TRISTÃO, 2009, p. 69), logo essa educação se propaga em um processo histórico, social e culturalmente produzido em contextos que não se dissociam da sociedade, da cultura e da natureza. Portanto, escola e comunidade estão intrinsecamente envolvidas.

Problematizar uma EA que pensa práticas para promoção da transformação de uma sociedade injusta em uma sociedade justa, implica em pensar uma pesquisa que se integra em seu campo de estudo. Diante da rede da vida e dos elos que a compõe, estamos conectados, assim tudo que um elo promove afeta ou afetará os outros. Não negamos que existam parcelas da sociedade que vivem de modo injusto e indigno e outra, bem menos numerosa que se beneficia de uma vida abundante. Aposto em elos que fortaleçam a rede para todos! Surge dessa intenção, uma postura de implicação, que potencializaria essa rede. A postura de implicação pressupõe

que o pesquisador esteja implicado, ou seja, estreitamente envolvido com o objeto pesquisado.

A implicação para o processo de pesquisa é uma aposta política e ética. Logo, assumo uma Educação Ambiental complexa, que pratica a sustentabilidade de todos os modos de vida e que se conecta com a produção de subjetivação que rompa com os processos de sobrecodificação dominante e se contagia na e da convivência com todos os elos que compõe a rede da vida.

Quem me acompanha nesse percurso é o autor de cabeceira Maffesoli ao reconciliar o pensamento com a vida. Com esse mesmo autor encontrei o fio da política de narrativa que assumi, pois segundo ele, seria a marca da pós-modernidade “A temática do sensível e da razão interna se expressa na experiência vivida, no senso comum” (MAFFESOLI, 1998, p.18). E é lá, no senso comum, nos apartados do bairro, que emergiu a potência para continuar compartilhando essa história.

Nessa trama em que a razão sensível e a experiência vivida no cotidiano daquelas pessoas, que buscam reconciliar vida com pensamento, aproximo a pesquisa, do pensamento complexo, por esse exigir outra racionalidade. É crível dizer que a clássica redução e simplificação do pensamento produzido pela ciência moderna não comporta a complexidade do todo nas partes e das partes no todo. Assim, o coletivo de forças que colocamos em relevo ou a *Rede da Vida*, são processos de subjetivação que encarnam essa complexidade.

A idéia de coletivo no trabalho afasta-se da ideia de coletivo, trabalhado pelas metanarrativas dominantes, por exemplo, de coletivo como: Estado, sociedade, povo, nação, classe, pensados como entes absolutos. O coletivo de forças que sustento, tenta superar a dicotomia indivíduo e sociedade e, natureza e humano. O coletivo *Rede da Vida* não é uma forma, mas uma força em permanente tensão, com múltiplos fios.

A rede não está dissociada dos fios que a inventa. Mais uma vez recorro ao autor de cabeceira para reafirmar essa ideia “A vida não se reconhece no esquema” (MAFFESOLI, 1998, p. 29). A vida, portanto, está no plano das forças, inevitavelmente!

As idéias de coletivo, Rede da Vida e plano de força são dimensões subjetivas e objetivas que não se contrapõem, no meu entendimento. Essas dimensões são velocidades de um mesmo plano de formas e de forças. A EA também contagia e é contagiada por esse plano das formas e das forças. O Plano das formas corresponde ao plano de organização da realidade ou do instituído. Na EA poderíamos dizer que os Tratados, os Documentos Oficiais governamentais materializados nas Propostas e Agendas e nas Leis, compõem o Plano das Formas. Um plano que se anuncia é a Conferência Mundial Rio + 20, por exemplo, que pretende discutir os avanços e retrocessos desde a conferência “Rio 92”. A principal questão a ser discutida

problematiza como os países pensam seus modelos de desenvolvimento e o que nesses quase vinte anos se produziu para reduzir os impactos da escolha de um modo de produção e consumo adotado pelo modelo neocapitalista.

As notícias não são muito animadoras, como podemos sentir e vivenciar no nosso cotidiano, ou como no exemplo da reportagem acerca da empresa portuária que se quer instalar no bairro vilavelhense:

Nos Estudos de Impacto Ambiental (EIA) /Rima, o empreendedor admite que dos 11 impactos que serão gerados na fase de implantação, sete são negativos. Haverá alteração no meio físico e biótico na região entre Jaburuna e Ilha das Cobras, como por exemplo, na qualidade da água durante a fase de implantação do projeto. Isto tanto na execução das dragagens, quanto no lançamento de esgotos tratados na Baía de Vitória e também pela possibilidade de ocorrência de acidentes com derramamento de óleo. Este último impacto poderá ser de fraca, média ou forte intensidade. A expansão do porto pode ser uma ameaça ao manguezal existente no Saco do Aribiri (Séculodiário, 2005).

Mas a vida não cabe na regra, ela sempre escapa! Daí meu interesse pelo Plano das forças, porque definido como plano de imanência (DELEUZE, 1998) ou plano instituinte, onde as forças entram em relação, onde as tensões se entremostam. Tensões que podem modificar o percurso do rio ou da maré que invade o devir social e ambiental. A invenção nasce do caos! A rede da vida borbulha frestas imprecisas e inventivas. Trago Panikkar na travessia dessa maré “o homem pode encontrar um sentido na vida até mesmo em uma ordem injusta, precisamente lutando contra ela” (PANIKKAR, 2005, p.159).

No coletivo *Rede da Vida* os fios das formas entram em relação com os fios das forças. Na imersão da pesquisa, traço a geografia dos planos das formas e das tensões das forças, por exemplo, quando reunimos comunidade, escola, poderes públicos, empresários, moradores, Organização não governamentais, para debater acerca da chegada da empresa, com a promessa de aumentar o número de postos de trabalho para aquela população, mas não reconhecendo a ameaça ao patrimônio cultural e socioambiental da região.

Logo, estar nesse platô de tensões, exige do pesquisador uma abertura para a complexidade da realidade estudada. Somos constituídos na trama da prática social e a prática social é constituída pelos sujeitos que a vivenciam e a produzem, recursivamente. A pesquisa exige e requer a dissolução de um ponto de vista ou de uma verdade absoluta, tão divulgada em pesquisa de cunho positivista, e sugere o acolhimento de múltiplos olhares. Esta é uma pista que a política de narrativa persegue, por estar comprometida com a EA que trabalha na perspectiva da Ecologia Menor, como adverte Godoy ao apresentar o funcionamento dessa ecologia. Assim, “Como afirmação da experimentação no pensamento e na vida, uma outra forma de relação com o mundo e as coisas, não afeita às uniformidades e aos enquadramentos, pressupostos pela

ecologia menor” (GODOY, 2008, p. 27).

Creio que traçar o campo investigativo, no movimento da pesquisa, pelos processos de subjetivação, produzidos no plano de forças e contagiados pela EA complexa, pressupõe uma implicação ou uma afetação com esse campo. Para Tristão (2004), qualquer coisa que produza a diferença produz sentidos, ressignifica as redes de relações. A autora sugere pensar espaços que esses sentidos operam, logo, como cartógrafa implicada com o campo de pesquisa, busco os fios do coletivo *Rede da Vida* que me dá sentidos múltiplos, para potencializar a diferença, na perspectiva de diferença em Deleuze, ou dos elos que fogem dos domínios padronizantes existentes numa sociedade opressora, para a Invenção de Si ou pela Ecologia Menor, que operam novos modos de ser, viver e perceber essas redes, atravessados por sentidos múltiplos!

Outro autor que colabora para trançar nosso pensamento em ação é o sociólogo Boaventura de Souza Santos. Santos (2007) quando diz que há uma discrepância entre experiências e expectativas antes não existentes nas sociedades antigas. As formas modernas de pensar soluções para a crise não dão mais conta de resolver questões atávicas da humanidade, portanto, necessitamos de um pensamento complexo para solucionar problemas complexos, vividos na contemporaneidade.

O autor critica a Ciência Social produtora de uma teoria hegemônica, por três ou quatro países do Norte, não traduzindo outras sociedades e realidades sociais, do Sul, por exemplo. Essa teoria está configurada pela Ecologia Oficial em seu modo técnico-burocrático e instrumental de resolver problemas e de criá-los, sobreposto à vida real e cotidiana das pessoas.

A aposta do sociólogo é pela necessidade de um novo modo de produção de conhecimento e de um pensamento alternativo às alternativas, que acredito esteja aliado a Ecologia Menor. Conhecer o mundo para além de uma compreensão ocidental seria, portanto, reinventar a Emancipação Social a partir do Sul (SANTOS 2007).

A Ciência Social ocidental hegemônica considera não crível as experiências locais, pelo silenciamento ou pela invisibilidade das mesmas, tornando-as desacreditadas. Nessa perspectiva, Santos (2007) propõe o desafio de enfrentar esse desperdício. A história contada pelo senhor Argemiro, proprietário do estaleiro localizado no bairro, representa significativamente esse silenciamento.

Vim pra cá ainda garoto, moro há mais de quarenta anos nesse bairro. Já tive vinte e oito funcionários, hoje não tenho nenhum. Meu estaleiro é o único regular no estado, mas estou sendo penalizado por andar direito. Agora o CREA esta me exigindo um Engenheiro Naval para trabalhar no estaleiro (SENHOR ARGEMIRO).

A experiência do Sr. Argemiro na construção de barcos de pequeno porte, há mais de

quarenta anos, não é reconhecida pelo órgão fiscalizador. Essa realidade é negada e mesmo desqualificada cruelmente. Essa lógica trabalha em congruência com o que Santos chamou de Razão Metonímica. A Razão Metonímica se constitui numa forma de pensar que concebe a totalidade feita de partes homogêneas, menosprezando tudo que fica fora dessa totalidade. Constitui aspectos de contração, diminuição e redução do presente não nos permitindo ampliar as lentes do presente, e com isso, deixam de fora muitas realidades e experiências. Portanto a Razão Metonímica se contrapõe ao pensamento complexo que a EA produz.

Por outro lado, para esse autor a Razão Proléptica expandiria o futuro. Santos (2007) sugere uma estratégia inversa de expandir o presente e contrair o futuro. Ao ampliar o presente, incluiremos muitas experiências e contraindo o futuro podemos prepará-lo. A idéia reducionista de totalidade que a Razão Metonímica pensa, produz uma simetria dicotômica que esconde hierarquias e diferenças. O saber do engenheiro naval é reconhecido, o do Sr. Argemiro, não?

Para enfrentar a Razão Metonímica que contrai o presente por meio da redução da diversidade da realidade, negando outras realidades, o autor sugere a Sociologia das Ausências. Santos (2007) propõe que as ausências são produzidas de cinco formas, das quais me detive em três. A monocultura do saber, que invalida saberes não considerados científicos e pela invisibilidade de suas práticas. Ao desqualificar esses saberes descredibiliza seus povos, pela ignorância. Outra forma de ausência é produzida pela monocultura do tempo linear que acredita que a história teria um sentido e uma direção, e os países desenvolvidos estariam à frente do restante, tudo que existe nesses países seria mais valorado em relação aos países considerados *subdesenvolvidos* (SANTOS 2007).

A monocultura da naturalização das diferenças oculta hierarquias e manifesta-se pela classificação. A racionalidade indolente e preguiçosa não sabe pensar diferenças com igualdade. Para essa racionalidade a diferença é inferior (SANTOS 2007). Santos (2007) sugere então, dar visibilidade ao que está invisível, através da substituição das monoculturas pelas ecologias, para que, ao criar possibilidades de experiências ausentes, possamos torná-las presentes. O autor diversifica as ecologias.

A *ecologia dos saberes* pensa a ciência como parte de uma ecologia mais ampla de saberes, num movimento dialógico. Colocando em análise o que determinado conhecimento produz no real e qual intervenção o saber produz. A *ecologia das temporalidades* acredita que cada forma de sociabilidade tem sua própria temporalidade. A *ecologia do reconhecimento* descarta as hierarquias, propõe descolonizar nossas mentes para produzir algo que a distinga em uma diferença.

A *ecologia transescala* e a *ecologia das produtividades* valoram sistemas alternativos de produção como cooperativas, empresas autogestionadas, economias solidárias, produzindo uma potência de ação. Para Santos as ecologias dilatam o presente com experiências alternativas antes ausentes, ampliando ações antes não consideradas relevantes (SANTOS 2007).

Esse autor nos ajuda a sentir a Ecologia Menor pelas cinco ecologias brevemente apresentadas e nos movimenta para uma terceira pista que acolhe a razão sensível pela potência da poesia.

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade (BARROS, 2003).

TERCEIRA PISTA – A COMPLEXA ECOLOGIA MENOR

Esta pista aproxima a pesquisa da teoria da complexidade (MORIN, 1990), para fugir do engessamento regulador que aprisiona o pensamento, e faz sobrevôos para as emergências dos focos de resistência inventados no campo de práticas participativas, pela razão sensível (MAFFESOLI, 1998).

O poeta nos faz perceber que a intimidade amalgamada pelas relações que estabelecemos não tem preço. A medida da intimidade que aqueles moradores produziram durante uma vida com o lugar, com as pessoas, com as ruas, com a mata, enfim com tudo que habita o território, é dada somente por cada um deles.

A Ecologia Menor pretende escapar dos domínios de poder e de tudo que preserva, modela e sobre codifica uma vida, ou a vida na Rede. É preciso que cada um de nós conte suas histórias pelos afetos que nos constituem. Como mapear afetos que contagem elos na rede? Outro teórico querido nos dá a pista.

As virtualidades espirituais e intelectuais de cada indivíduo são, com frequência, inibidas pelo *imprinting sociocultural*, sendo necessário, para atualizá-las, um complexo de condições externas favoráveis. Mas, para que exista pensamento ao mesmo tempo crítico, radical, inventivo, ou mesmo criativo, é preciso que exista também um complexo de condições internas, a começar pela tendência pessoal a *resistir ao imprinting*, a surpreender-se e a deixar-se surpreender e pela paixão o gosto da aventura (MORIN, 2005, p. 221).

O processo de individuação não se aparta da aposta na Ecologia Menor, assim meu Pró-Discendente: Caderno de Prod. Acad.-Cient. Progr. Pós-Grad. Educ., Vitória-ES, v. 18, n. 2, jul./dez. 2012.

desafio metodológico é tomar elementos da totalidade social e ambiental. Os seres humanos são contagiados e se contagiam nos e dos processos vivido nos planos de forças e das formas que o constituem. Eles se modificam quando modificam sua relação com o meio ambiente. Quando nós nos implicamos com todos os sistemas vitais, pelo social, pelo cultural, pelo psíquico e ambiental ao mesmo tempo, nos expandimos no platô desse processo.

Apostar na Ecologia Menor é potencializar o platô²⁸ que compõe a EA complexa. Os platôs da EA se dão nos encontros. Interessam nesses platôs encontros com os diferentes sentidos, valores e modos de perceber o mundo das pessoas que o compõem. Não entramos em uma pesquisa isentos de valores. Hall (2009) nos instiga para a necessidade de refletir sobre nossa postura institucional e prática intelectual. Logo, minha temática de interesse de trabalho está atravessada de questionamentos de minha formação e de minha ação no coletivo da Rede da vida, e das forças e formas da Educação Ambiental que me constituiu até o momento. Resistir ao *imprinting* sociocultural é algo a perseguir.

A dimensão ambiental conecta o social e cultural aos ecossistemas mental e físico. Como nas três ecologias de Felix Guatarri (1997), o grupo de alunos futuros técnicos em edificações não se preocuparam somente com a ecologia ambiental dos projetos, mas avançaram no sentido de abarcar todo o corpo social envolvido nas ecologias cultural, social e mental que atravessam a vida dos moradores daquela região e sofrem os efeitos das lutas políticas nas tensões sociais que enfrentam. Maffesoli (1998, p.18) se apresenta novamente ao revelar que “O Corpo social compõe a partitura, é preciso seguir seus passos”.

A travessia é expandida pelo corpo social que exige sua expansão. Uma não exclui a outra, mas se complementam recursivamente pela lógica do diálogo, dos acordos, do coletivo que contagiam e são contagiados. Minha experiência como educadora ambiental traduz minha opção política de que o princípio da atividade coletiva é potência de produção de uma EA que afirma a vida, e que está atravessada irremediavelmente pela dimensão do afeto, através da racionalidade complexa.

Apostar na EA complexa, que afirma a vida e que está atravessada pela dimensão do afeto, de certo, afirmam que o que se vive na pesquisa encarna e entrama os fios dos sujeitos que dela participam, não descolados dos planos das forças que dão velocidades e intensidades a esse plano. O afeto é uma potência que configura um espaço. Um espaço de desejos, de modos de ser e viver e de aprender e conhecer.

²⁸ Em Deleuze (1995), no Platô há um pensamento sem imagem, o nomadismo, os devires, as máquinas de guerra, as línguas menores ou a gagueira na língua.

Ao traçar os afetos que me constituem, mapeei, animada por CARVALHO (2009), para além de um território existencial objetivo, as subjetividades produzidas pelo contágio da EA complexa, através das conversações.

A conversação não acontece sem ser criada e sustentada pela participação ativa e criativa, que combina em si duas dimensões: a poética da participação e a sociabilidade, articulando vozes, assuntos, de modo que tornem possível a multiplicidade partilhada – conversação recriadamente aberta e inacabada (CARVALHO, 2009, p. 189).

O projeto dos alunos me contagiou pelas subjetividades que me constituem e pela relação que estabeleço com o local, pois nele e dele revivi como antiga moradora e estudante daquele bairro. A dimensão e a postura ética da pesquisa cartográfica pela qual optei permite ressoar, amplificar e propagar a Rede da Vida pela vivência e pela ação do cartógrafo no campo da pesquisa, indissociada, inclusive da sua formação. Nesse sentido, acredito ser esse o rigor que valida uma pesquisa, quando de alguma forma ou força, estabeleço ressonância e amplifico a Rede da Vida nos múltiplos modos de fazer EA pela Ecologia Menor, para a Invenção de Si. Nesse percurso, não somente os moradores, alunos e outros sujeitos da pesquisa, mas eu também fui me reinventando em novos modos de pensar-fazer a EA.

UM BREVE RESPIRO NÃO CONCLUSIVO

Através das pistas apontadas, pude identificar alguns procedimentos de interesse que compõe a partitura dessa escrita. A partir de algumas reflexões, apontando algumas expressões, apostei na pesquisa e na invenção de novos procedimentos. Assim apresento um breve respiro não conclusivo propondo outros elementos metodológicos que escapem das pesquisas de cunho positivista:

Em lugar de regras e protocolos: produzir pistas.

Em lugar de coletar dados: experimentar dispositivos e habitar o território.

Em lugar de observador do campo: lançar-se no movimento e deslocar sentidos.

Em lugar de verificar dados: praticar a escrita levando em conta a produção coletiva dos dados e do conhecimento, através das conversações, no processo do cartógrafo.

Em lugar do tempo cronológico da racionalidade técnica e instrumental: experimentar as intensidades e velocidades no platô da invenção de outras racionalidades mais sensíveis.

Em lugar da razão mecânica e neutra: mapear os afetos que ampliam e potencializam a Rede da

Vida com elos da razão emocionada.

Inspirada em Deleuze (1992), faço os seguintes questionamentos: Como fazer e dar ao pensamento velocidade absoluta e fazer dele máquina de guerra, apta a combater os aparelhos de captura? Como a Educação Ambiental pode colaborar no trançar da vida para sua liberdade, para que ela se efetive? Talvez perseguindo o que Felix Guattari afirmou:

Toda uma catálise da retomada de confiança da Humanidade em si mesma está por ser forjada passo a passo e, às vezes, a partir de meios os mais minúsculos. A ecologia social deverá trabalhar na reconstrução das relações humanas em todos os níveis, do socius. Ela jamais deverá perder de vista que o poder capitalista se deslocou, se desterritorializou, ao mesmo tempo em extensão, ampliando seu domínio sobre o conjunto da vida social, econômica e cultural do planeta, e em 'intenção', infiltrando-se no seio dos mais inconsistentes estratos subjetivos (GUATTARI, 1997, p. 33).

Forjar a confiança na humanidade é o meu compromisso ético como pesquisadora. Confiança que se conquista e se produz com o coletivo, o coletivo Rede da Vida. Produção que se enraiza da Ecologia Menor ou das práticas dos invisibilizados, do cotidiano vivido na experiência dos que não desistem de afirmar a vida, muitas vezes contida. Impossível deixar de recorrer a *belezura* da imaginação do poeta, que inventa palavras:

Uso a palavra para compor meus silêncios. Não gosto das palavras fatigadas de informar. Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão tipo água pedra sapo. Entendo bem o sotaque das águas. Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Prezo insetos mais que a aviões. Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Tenho em mim esse atraso de nascença. Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz por isso. Meu quintal é maior do que o mundo. Sou um apanhador de desperdícios: Amo os restos como as boas moscas. Queria que a minha voz tivesse um formato de canto. Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática. Só uso a palavra para compor meus silêncios (MANOEL DE BARROS, 2003).

Diante do cansaço que o excesso de informação produz no poeta, ele nos convida a nos colocarmos mais uma vez de barriga no chão, a voltarmos nossa atenção e nosso respeito às coisas e aos seres *desimportantes*, histórica e culturalmente produzidos.

Para tal, é necessário desaprender alguns saberes que aprendemos das ciências do paradigma moderno para resignificar outros saberes silenciados e desqualificados. Ao lançar mão da Ecologia Menor e da EA complexa, que rompe com noções dicotômicas e que nos levem à não redução dos saberes não considerados científicos e dos fazeres dos praticantes do cotidiano, como nos ensina CERTEAU (1994), seremos acolhidos por outra intensidade e por outra velocidade, no platô da Invenção de Si.

O apreço à velocidade lenta do pequeno ser para o poeta carrega a possibilidade da liberdade. Nosso cotidiano é plano de força privilegiado para emergir e sentir o que algumas

vezes consideramos pouco fértil. O poeta com sua poesia cotidiana ensina “os pequenos seres tem o privilégio de ouvir as fontes da Terra” (BARROS, 2003).

Essa compreensão e intervenção estão encarnadas do conhecimento complexo que aposto. A Ecologia Menor me ajuda a compreender a realidade múltipla, complexa, imprevisível e singular em que estou enredada, nesse e nos diversos espaços de aprendizagens. A superação dos modelos cognitivos e das práticas, atravessadas pela racionalidade moderna terá que ser, por nós pesquisadores/as, enfrentada e inventada. Passa pela especificação do lugar de onde se fala, enraizada na realidade e nas nossas experiências, com a intenção do falante, no reconhecimento dos vínculos que serão enredados das redes e das conexões dos *saberes-fazer*s cotidianos da vida das pessoas.

Outros critérios de avaliação e metodologias deverão incorporar nossas ações e pensamentos. O ganho, a qualquer preço, normatiza a vida e esquadriinha modos de relações sociais e ambientais. A perversa meritocracia aparta a vida do acontecimento humano.

A palavra política lembra polis, coletivo, público, laços sociais. Alguns modelos das sociedades contemporâneas têm enfraquecido esses laços e esses coletivos. Políticas tirânicas vêm sendo legitimadas. A tirania é aquela que consegue alcançar os espaços do coração e da mente, “aspira à autoridade consentida pela obediência desejada” (CHAUÍ, 2003, p.14). A uniformidade ácida da qual a tecnocracia, a burocracia e a administração fria funcionam, perde de vista a pluralidade do caldo cultural que a vida exige.

Na afirmação de Panikkar (2005, p. 66) “o homem é essencialmente *homo politicus*”, contudo, adverte para não reduzirmos o político ao econômico ou ao sociológico, ou que o Estado seja seu símbolo mais visível. O autor ironiza, “O estado é o individuo coletivo” (PANIKKAR, 2005, p. 69). Com esta colocação o autor destaca o individualismo, filho da razão moderna paralisante e tão presente nas práticas e nos discursos. A monetarização de todas as coisas, dos sentidos, dos afetos e do modo como nos relacionamos tem produzido conseqüências inimagináveis para o *homo politicus*.

Minha aposta é por uma vida com sentido, uma vida feliz e plena para todos. Pois que a rede da vida é essa duração aparentemente caótica e aparentemente sem um fio condutor, mas uma rede de sentidos e de significados produtores de padrões de intenções que se retroalimentam de maneira antagônica e ao mesmo tempo tão complementar, que entrevê passado e futuro no presente vivido de pura invenção da experiência de Si. Como não trazer a poesia que me é tão cara: “Tudo o que não invento é falso” (BARROS, 2003).

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas**. A Infância. Planeta, São Paulo 2003.
- CARVALHO, Janete Magalhães. **Cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, RJ: Dp et Alii, Brasília, DF, CNPq, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHAUÍ Marilena. **Política em Espinosa**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. São Paulo Editora Escuta. 1998.
- _____. **Conversações**. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
- _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. São Paulo, Ed. 34, 1995.
- GUATTARI Felix. **As três ecologias**. São Paulo, Papyrus, 1997.
- GODOY, Ana. **A Menor das Ecologias**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- HALL Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.
- JACOBI Pedro Roberto.; TRISTÃO Martha; FRANCO Maria Izabel Gonçalves Correa. **A função social da Educação Ambiental nas praticas colaborativas: participação e engajamento**. Cad. CEDES, Campinas, vol. 29, n 77, p. 63-77, jan./abr., 2009.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio a razão sensível**, Vozes, 1998.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 2. ed. Portugal: Instituto Piaget, 1990.
- PASSOS Eduardo; KASTRUP Virgínia; ESCÓSSIA Liliana da **Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina. 2010. Revista eletrônica Século diário. Disponível em <http://www.seculodiario.com.br/arquivo/2005/fevereiro/01/noticiario/ultimas/01.asp>. Acesso em: 06 de mar 2012.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- PANIKKAR, Raimon. **O espírito da política Homo politicus**. São Paulo, TRION, 2005.
- TRISTÃO Martha. **A educação ambiental na formação dos educadores: redes de saberes e fazeres**. São Paulo, Annablumme. Vitória FACITEC, 2004.
- _____. Grupos de Pesquisa e GT 22 – Educação Ambiental na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED): Uma síntese interpretativa. Ambiente e Educação, vol. 14(2), 2009.
- _____. Uma abordagem filosófica da pesquisa em Educação Ambiental. 2012. Mimeo.